

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
BACHARELADO – PORTUGUÊS E ALEMÃO

Gabriele Pergher

***EDDA EM VERSO E TEOGONIA:***  
questões preliminares para um estudo comparativo

Porto Alegre  
1. Semestre  
2024



Gabriele Pergher

***EDDA EM VERSO E TEOGONIA:***  
questões preliminares para um estudo comparativo

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Letras, com ênfase em Português e Alemão.

Orientador(a): Prof. Dr. Rafael de Carvalho Matiello Brunhara

Porto Alegre  
1. Semestre  
2024

#### CIP - Catalogação na Publicação

Pergher, Gabriele  
Edda em Verso E Teogonia: questões preliminares  
para um estudo comparativo / Gabriele Pergher. --  
2024.  
50 f.  
Orientador: Rafael de Carvalho Matiello Brunhara.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e  
Alemão, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Literatura comparada. 2. literatura nórdica. 3.  
literatura grega. I. de Carvalho Matiello Brunhara,  
Rafael, orient. II. Título.



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a

minha mãe (Eliane),

meu irmão (Felipe),

e meu namorado (Jean)

por todas as sinceras palavras de afirmação ditas ao longo do processo de escrita deste trabalho. Significou e significa muito para mim o apoio dessas três pessoas admiráveis.

Deixo também um agradecimento especial a meu orientador (Rafael), professor cuja presença em minha vida acadêmica e atenção dada aos meus interesses foram essenciais para que houvesse a criação deste trabalho. Agradeço pela paciência e pela disposição em me auxiliar, assim como pelas indicações úteis e valiosas de leituras.

## RESUMO

A finalidade do presente trabalho é fazer uma comparação bastante concisa entre a *Teogonia*, poema grego antigo atribuído a Hesíodo, e a compilação de poemas nórdicos antigos conhecida como *Edda em Verso* — mais especificamente, de um poema presente nessa compilação conhecido como *Völuspá*. Ao longo do trabalho, será feita uma apresentação geral de ambas as obras e de seus aspectos mais relevantes, e após isso será realizada a breve comparação entre eles com base em dois aspectos principais: conteúdo e questões cosmogônicas. Além disso, será discorrido acerca de dois conceitos importantes para as tradições literárias da Grécia Antiga e da Escandinávia medieval: os conceitos de mito e de saga, que estão diretamente relacionados à *Teogonia* e ao *Völuspá*. O objetivo dessa comparação é consolidar os principais questionamentos relacionados às ligações entre a literatura grega antiga e a literatura escandinava medieval, para que desse modo possa haver o estabelecimento de uma base para a realização de outros estudos posteriores acerca dos mesmos tópicos.

**Palavras-chave:** literatura comparada; literatura nórdica; literatura grega.

## ZUSAMMENFASSUNG

Der vorliegende Studie soll einen kurzen Vergleich zwischen der *Theogonie*, einem altgriechischen Gedicht, das Hesiod zugeschrieben wird, und der als *Lieder-Edda* bekannten Sammlung altnordischer Gedichte anstellen – genauer gesagt, einem Gedicht in dieser Sammlung, das als *Völuspá* bekannt ist. Im Verlauf der Studie werden beide Werke und ihre wichtigsten Aspekte allgemein vorgestellt und anschließend anhand von zwei Hauptaspekten – Inhalt und kosmogonische Fragen – kurz miteinander verglichen. Darüber hinaus werden zwei für die literarischen Traditionen des antiken Griechenlands und des mittelalterlichen Skandinaviens wichtige Konzepte erörtert: die Konzepte des Mythos und der Sage, die in direktem Zusammenhang mit der *Theogonie* und der *Völuspá* stehen. Das Hauptziel dieses Vergleichs besteht darin, die wichtigsten Fragen im Zusammenhang mit den Verbindungen zwischen der antiken griechischen Literatur und der mittelalterlichen skandinavischen Literatur zu vertiefen, um so eine Grundlage für weitere Studien zu denselben Themen zu schaffen.

**Schlüsselwörter:** vergleichende Literaturwissenschaft; nordische Literatur; altgriechische Literatur.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>SOBRE AS OBRAS.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>Sobre a <i>Teogonia</i> .....</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>Sobre a <i>Edda em Verso</i> .....</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b><i>VQLUSPÁ</i> .....</b>	<b>22</b>
<b>4</b>	<b>PONTOS COMPARATIVOS ENTRE AS OBRAS.....</b>	<b>25</b>
<b>4.1</b>	<b>Conteúdo.....</b>	<b>28</b>
<b>4.2</b>	<b>Questões cosmogônicas.....</b>	<b>35</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Grécia Antiga, Escandinávia medieval: é viável comparar culturas tão diferentes? Além de situadas em períodos históricos muito distintos, essas duas civilizações desenvolveram-se em direções praticamente opostas do continente europeu — a Grécia sendo um país situado no sul e frequentemente estabelecendo contato tanto com a Europa quanto com Ásia, e a Escandinávia sendo uma região relativamente isolada com localização no extremo norte da Europa. É importante salientar que, ao mencionar Escandinávia no contexto do presente trabalho, tem-se em mente a região específica conhecida como Islândia; ou seja, uma ilha na porção mais setentrional do continente europeu que se encontra ainda mais isolada por estar situada a uma distância considerável da Noruega — país da Europa continental mais próximo da porção de terra que consiste na Islândia.

Esses fatos geográficos, por mais irrelevantes ou óbvios que pareçam ser, na verdade são importantes por apresentarem uma espécie de projeção acerca das particularidades gritantes que caracterizam a Grécia Antiga e a Escandinávia medieval. Pode-se discorrer longamente sobre as diferenças entre essas civilizações, especialmente levando em conta a posição de suas respectivas regiões de domínio no mapa. Além disso, dado o nível de renome e universalidade que aspectos como a tradição literária e filosófica da Grécia Antiga adquiriram no mundo ocidental ao longo dos séculos, não pode ser evitado assumir que a cultura dos povos escandinavos se torna secundária nesse contexto em comparação com a cultura grega. Afinal, enorme é a gama de influência de nomes como o poeta Homero ou filósofos como Aristóteles e Platão — frente a eles, qual é a posição de autores importantes para o desenvolvimento da tradição literária escandinava como Snorri Sturluson e Sæmundr Sigfússon?

Nesse contexto, vale a pena citar o afirmado por R.R. Bolgar na introdução do livro *Classical Influences on European Culture A.D. 500 – 1500*:

O que nós sabemos sobre nossa dívida para com a Grécia e Roma encheria uma biblioteca de tamanho considerável. [...] Nós temos de admitir que não estamos em condições de avaliar a extensão total ou a natureza exata de nosso endividamento para com o mundo antigo. Após séculos de esforço — quinze séculos, na verdade — , encontramos-nos ainda na fase primitiva das descobertas, em que o terreno

inexplorado diante de nós é tão vasto que não podemos fazer mais do que sondá-lo ao acaso. (Bolgar, 1971, p.1)<sup>1</sup>

Esses trechos atestam o quanto a antiguidade clássica é importante no contexto do mundo ocidental, e também que são praticamente infinitas as possibilidades de descoberta de novas gamas de influência quando o assunto é a cultura grega e romana antiga. Com base nessas afirmações de Bolgar, está correta a suposição de que, tratando-se de culturas cuja localização e extensão geográfica, contexto histórico e nível de influência são profundamente diferentes, é complexo o processo de estabelecimento de pontos de comparação entre a Grécia Antiga e a Escandinávia medieval. Muitos são os pontos que poderiam ser contrastados entre si; nesse aspecto, a literatura certamente não pode ser considerada uma exceção.

Tendo isso em mente, na concepção do presente trabalho foi decidido escolher duas obras literárias influentes no contexto da literatura grega e da literatura escandinava: respectivamente, a *Teogonia* de Hesíodo e a compilação de poemas nórdicos conhecida como *Edda em Verso*. Ambas são representantes de dois gêneros repletos de particularidades: a poesia épica da Grécia Antiga e um tipo de literatura nórdica conhecido como poesia édica. Separados entre si por uma ampla diferença de tempo, esses gêneros destacam-se por terem tido relevância em seus respectivos contextos históricos; relevância essa que pode ser comprovada pelo longo período de sobrevivência de ambas as obras a serem analisadas no presente trabalho.

Mas seria a relevância o único ponto análogo entre a *Teogonia* e a *Edda em Verso*? Quais outras possíveis semelhanças podem ser encontradas entre uma obra literária da Grécia Antiga e uma obra literária da Escandinávia medieval? Esses são os principais questionamentos que levaram à gênese do presente trabalho e que buscarão ser desvendados, ou ao menos destacados, ao longo dele.

Pode-se dizer que, a partir deste trabalho, será buscado investigar com base nos preceitos norteadores da disciplina conhecida como Literatura Comparada os aspectos mais cruciais que estão relacionados à *Teogonia* e à *Edda em Verso*; com a investigação dessas distinções, haverá o estabelecimento de uma reflexão sobre a possibilidade do encontro de

---

<sup>1</sup> Trecho original: “[...] What we know about our debt to Greece and Rome would fill a sizeable library [...]. We have to admit that we are not in a position to assess the full extent or the precise nature of our indebtedness to the ancient world. After centuries of effort—fifteen centuries as a matter of fact—we see ourselves still at the primitive stage of discovery, where the unexplored ground before us is so vast that we can do no more than just probe it at random”. Tradução livre do inglês feita pela autora do trabalho.

paralelos entre essas obras tão peculiares e distintas entre si. Sempre levando em conta as diferenças que inegavelmente permeiam ambos os registros literários abordados, haverá o objetivo de encontrar em meio às abundantes divergências possíveis pontos análogos — pontos esses que poderão ter o potencial de contribuir com o estudo mais aprofundado tanto da *Edda em Verso* quanto da *Teogonia*.

É importante salientar que, em se tratando de duas obras e períodos históricos muito particulares, obviamente seria demasiado ambicioso e inviável buscar desvendar tudo o que é possível ser desvendado acerca da *Edda em Verso* e da *Teogonia*; por isso, espera-se que esse estudo não seja interpretado como uma resposta definitiva acerca das questões que serão levantadas; em vez disso, pretende-se que o atual trabalho compile questionamentos relevantes acerca das obras que se propõe a analisar. A partir do estabelecimento dos questionamentos que virão a surgir, há a pretensão de que se possa expandir os conhecimentos já existentes acerca das duas obras literárias em questão.

Finalmente, espera-se que, a partir do estabelecimento desses paralelos entre a *Edda em Verso* e a *Teogonia*, seja feita alguma contribuição tanto ao estudo da literatura grega quanto ao estudo da literatura nórdica no contexto acadêmico brasileiro — e, principalmente, que haja maior compreensão acerca das possíveis diferenças e semelhanças entre duas obras pertencentes a períodos históricos e civilizações tão únicos.

## 2 SOBRE AS OBRAS

Antes de dar início propriamente à exposição que integrará o conteúdo do presente trabalho, é de extrema importância uma devida contextualização acerca das duas obras que serão abordadas nele. Na presente seção, pretende-se discorrer brevemente sobre os aspectos gerais mais relevantes acerca da *Edda em Verso* e da *Teogonia*, com destaque à respectiva estrutura e temática de ambas, entre outros aspectos secundários que podem vir a ter relevância no contexto das reflexões que serão desenvolvidas no decorrer do trabalho.

### 2.1 Sobre a *Teogonia*

Há muito poucas informações disponíveis acerca de Hesíodo. Estima-se que ele tenha vivido e atuado como aedo entre o final do século VIII e o início do século VII a.C.; no entanto, ao falar-se sobre Hesíodo, é de suma importância salientar que “tal como ocorre com Homero, não há prova que assegure sua existência enquanto poeta-indivíduo” (Palavro, 2019, p.11).

É importante salientar que as informações que se sabe sobre Hesíodo constam em sua maioria nos próprios poemas do autor, o que confere certo caráter autobiográfico à sua obra: por exemplo, na própria *Teogonia* ele afirma que teve o canto ensinado pelas Musas enquanto pastoreava suas ovelhas ao pé do Monte Hélicon. Essa informação, no entanto, contém peculiaridades que não podem deixar de ser explicitadas; nas palavras de Kathryn Stoddard em sua obra *The Narrative Voice in the Theogony of Hesiod*:

A primeira expressão autobiográfica nos poemas de Hesíodo ocorre no próêmio da *Teogonia*, como parte da famosa *Dichterweihe*, a santificação de Hesíodo como poeta pelas Musas [...]. A primeira referência de Hesíodo a si próprio é, portanto, na terceira pessoa, uma peculiaridade que deu origem à teoria, apresentada por Evelyn-White e R. Waltz, de que o autor da *Teogonia* não é o próprio Hesíodo, mas descreve a sua própria santificação pelas mesmas Musas que visitaram Hesíodo. Esse argumento encontrou alguns apoiadores, nomeadamente S. Pinsent e A. Ballabriga, mas foi largamente rejeitado pelos críticos hesiódicos em favor da explicação mais simples de que o poeta utiliza aqui a terceira pessoa para mencionar o seu próprio nome e assim assegurar a si próprio o *kléos* que merece. Os estudiosos restantes que se debruçaram sobre a questão da epifania das Musas dividem-se entre duas posições extremas. A maioria acredita que, nessas linhas, Hesíodo está descrevendo uma experiência religiosa genuína que lhe ocorreu e que mudou a sua vida para sempre. Outros argumentam que há tantas convenções literárias

incorporadas no *Dichterweihe* de Hesíodo que esse deve ter sido criado pelo poeta para dar a autoridade divina às suas palavras. [...] (Stoddard, 2004, p.6)<sup>2</sup>

As questões expostas por Stoddard são responsáveis por revelar que mesmo as informações sobre Hesíodo contidas na própria *Teogonia* são repletas de nuances e contribuem para que se tornem ainda mais reticentes os aspectos conhecidos acerca do aedo.

Quanto à *Teogonia*, o título dessa obra vem do grego antigo Θεογονία, palavra que significa literalmente “origem dos deuses” (composta pela junção entre os substantivos θεός, “deus”, e γίγνεσθαι, “origem”). Trata-se de um poema atribuído a Hesíodo que foi composto entre os anos 730 e 700 a.C. Com um total de 1022 versos, a *Teogonia* tem como conteúdo a origem do mundo, dos deuses e de seu domínio, podendo ser descrita como uma cosmogonia mítica, pois descreve as origens e a respectiva genealogia dos principais deuses da Grécia Antiga. Nas palavras do tradutor Bruno Palavro,

o poema trata da genealogia divina, desde o nascimento do mundo, passando pelas peripécias da progressão cosmogônica, até o estabelecimento de Zeus como ordenador último do cosmo. Entoar uma teogonia, portanto, significa entoar uma cosmogonia, uma vez que a potência do devir cosmogônico e a potência divina são uma e a mesma: os deuses são os inextricáveis filhos do mundo tanto quanto o mundo é regido por eles próprios, seja no domínio do manifesto, seja no do imanifesto, inexoravelmente influentes na vida dos mortais. (Palavro, 2019, p.8)

É importante destacar a espécie de caráter compilatório da *Teogonia*: ao descrever a origem do mundo e os eventos subsequentes, esse poema de Hesíodo destaca-se por abordar acontecimentos decisivos no contexto da mitologia grega. Entre alguns dos acontecimentos citados e descritos por Hesíodo na *Teogonia*, talvez os mais significativos e dignos de serem mencionados sejam os seguintes:

---

<sup>2</sup> Trecho original: “The first autobiographical statement in the Hesiodic poems occurs in the proem of the Theogony as part of the famous *Dichterweihe*, Hesiod’s sanctification as a poet by the Muses [...]. Hesiod’s first reference to himself is thus in the third person, a peculiarity which gave rise to the theory, set forth by Evelyn-White and R. Waltz, that the author of the Theogony is not himself Hesiod, but describes his own sanctification by the same Muses who had visited Hesiod. This argument has found a few supporters, notably S. Pinsent and A. Ballabriga, but has largely been rejected by Hesiodic critics in favor of the simpler explanation that the poet utilizes the third person here in order to mention his own name and thus assure himself of the *kléos* he deserves. The rest of the scholars who deal with the question of the epiphany of the Muses are divided between two extreme positions. Most believe that in these lines Hesiod is describing a genuine religious experience that occurred to him and changed his life forever. Others argue that there are so many literary conventions incorporated into Hesiod’s *Dichterweihe* that it must have been created by the poet in order to lend the necessary divine authority to his words. [...]”. Tradução livre do inglês feita pela autora do trabalho.

- a origem do mundo em si: a partir do Caos (Abismo) ocorre o nascimento de Gaia, uma divindade que personifica a Terra. Após o nascimento de Gaia, há o surgimento de Eros e Tártaro. O Caos também origina as trevas, representadas por Nix e Érebo; em contraponto, da união entre Nix (Noite) e Érebo surgem Éter e Hêmera (Dia), que representam a luminosidade;
- a união entre Gaia e Urano, que dá origem à primeira geração de deuses: os Titãs, os Ciclopes e os Hecatonquiros;
- a emasculação de Urano por seu filho Crono, que dá origem, entre outros, à deusa Afrodite;
- o domínio de Crono sobre os deuses e homens, assim como sua união à irmã Reia;
- o nascimento de Zeus, único filho de Crono que não é engolido pelo próprio pai ao nascer, assim como a libertação do restante de seus irmãos e tios paternos por parte de Zeus;
- o roubo, por parte de Prometeu, do fogo divino para oferecê-lo aos mortais, assim como a vingança dos deuses por meio da criação de Pandora;
- a Titanomaquia, ou luta de Zeus e seus irmãos contra os Titãs;
- a tomada de poder por parte de Zeus sobre os deuses e mortais;
- as uniões de Zeus com outras deusas e mulheres mortais.

A partir dessa breve lista, é possível inferir que a *Teogonia* apresenta a enumeração e a descrição de acontecimentos cruciais no contexto da mitologia grega. Os acontecimentos centrais que são amplamente difundidos no estudo do mito grego estão presentes na *Teogonia*, e isso é justamente o que torna essa obra digna de nota. Pode-se dizer que Hesíodo tratou de compilar os principais mitos que tinham um papel crucial para a devida compreensão das crenças predominantes na Grécia Antiga; logo, dissecar a *Teogonia* é essencial para obter informações acerca dos mitos mais difundidos entre os antigos gregos.

Além dessa aparente compilação de mitos dignos de nota e da tendência por parte de Hesíodo a descrever a genealogia dos principais deuses da mitologia grega, existem outras nuances que não podem deixar de ser mencionadas ao se abordar a *Teogonia* como um todo. Nesse contexto, a autora Jenny Strauss Clay oferece uma visão mais ampla acerca da complexidade do conteúdo da obra:



A *Teogonia* constitui uma tentativa de compreender o cosmos como o produto de uma evolução genealógica e de um processo de individuação que conduz finalmente à formação de um cosmos estável e que, por fim, atinge seu *telos* sob a tutela de Zeus. A organização de uma tal teogonia parece ser completamente inevitável e totalmente previsível, na medida em que parte dos primeiros começos progride cronologicamente até que o cosmos divino esteja completo. No entanto, mesmo dentro deste esquema aparentemente previsível, há espaço para alguma flexibilidade, e certas escolhas devem ser feitas. [...] Além disso, Hesíodo incorpora uma série de aparentes digressões, contendo material não relacionado nem com as genealogias propriamente ditas, que não têm lugar previsível no esquema cronológico geral. Ao posicionar estes diversos elementos, Hesíodo faz escolhas, talvez mais obviamente quando se afasta de um quadro estritamente cronológico — como faz frequentemente — mas também quando escolhe o ponto exato em que insere os episódios da história de sucessão dentro das genealogias. (Clay, 2003, p.13)<sup>3</sup>

A afirmação de Clay nesse trecho é de suma importância, pois indica que na *Teogonia* não está presente uma mera necessidade de simplesmente enumerar e descrever os eventos mais decisivos no contexto da mitologia grega, antes, parece haver uma complexa organização e motivação por trás do poema, e ela trata de reforçar a magnitude e a importância da obra como um todo.

Por fim, é importante destacar as particularidades acerca da variante do idioma grego antigo em que esse poema tão marcante de Hesíodo foi mais tardiamente registrado:

vale notar que o dialeto empregado por Hesíodo não é o da Beócia, região onde o aedo viveu, mas sim o mesmo dos célebres poemas heroicos de Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*: trata-se, essencialmente, de uma forma arcaica do grego jônico (com alguma mistura do ático e eólico), dialeto não somente comum aos poemas compostos em sua região de origem, a Jônia, na Ásia Menor, mas uniformemente cultivado em todo o território da Grécia enquanto artifício poético, — dicção épica, que prevaleceu nas composições em hexâmetro datílico (metro épico por excelência) até o Período Helenístico [...] (Palavro, 2019, p.9)

A partir das informações dadas por Palavro, nota-se que, em matéria de forma, a poesia Hesiódica está em consonância com a homérica – ou seja, na *Teogonia* há o uso do

---

<sup>3</sup> Trecho original: “The Theogony constitutes an attempt to understand the cosmos as the product of a genealogical evolution and a process of individuation that finally leads to the formation of a stable cosmos and ultimately achieves its telos under the tutelage of Zeus. The organization of such a theogony would seem to be completely inevitable and utterly predictable insofar as it starts from the first beginnings and progresses chronologically until the divine cosmos is complete. Yet even within this apparently predictable scheme, there is room for some flexibility, and certain choices must be made. [...] In addition, Hesiod incorporates a number of apparent digressions, containing material related neither to the succession story nor to the genealogies proper, which have no predictable place in the overall chronological scheme. In positioning these diverse elements, Hesiod makes choices, perhaps most obviously when he departs from a strictly chronological framework – as he frequently does – but also when he chooses the exact point at which to insert the episodes of the succession story within the genealogies.” Tradução livre do inglês feita pela autora do trabalho,

dialeto épico. Isso é mais um fator que torna o poema ainda mais singular, além de conferir uma importância solene aos eventos narrados por Hesíodo ao longo da *Teogonia*.

Conforme o explicitado ao longo dos parágrafos anteriores, há inúmeros fatores que são responsáveis por tornar a *Teogonia* uma obra bastante singular e digna de estudo no contexto da literatura grega. Desde a autoria repleta de nuances até o conteúdo rico em motivos mitológicos relevantes e não deixando de levar em conta o dialeto em que a obra foi registrada, pode-se dizer que a *Teogonia* é abundante em material a ser dissecado. Todos esses fatores foram decisivos ao ser feita a escolha desse poema grego para integrar o presente trabalho, e certamente terão espaço dentro das discussões prestes a serem levantadas nas próximas páginas.

## 2.2 Sobre a *Edda em Verso*

São denominados *Edda* dois textos diferentes, ambos escritos no idioma nórdico antigo: a *Edda de Snorri* (*Snorra-Edda*), ou *Edda Recente*, e a *Edda em Verso*, ou *Edda Antiga*. Os dois manuscritos situam-se no contexto da Islândia do século XIII, e, além de parte do nome, têm em comum o fato de seu conteúdo abordar sagas acerca de deuses e heróis da mitologia escandinava.

A *Edda Recente* foi editada por Snorri Sturluson, um historiador e poeta islandês. Trata-se de uma compilação de tradições nórdicas antigas que se diz terem sido originadas entre 1220 e 1225. É importante ressaltar que a *Edda Recente* é uma obra em prosa: acredita-se que Snorri Sturluson tratou de fazer uma espécie de coleção dos mitos nórdicos que ele em parte tomou emprestado da *Edda Antiga*.

Conforme a denominação dos textos indica, a *Edda Antiga* antecede a *Edda Recente*. A obra antecessora é justamente o foco do presente trabalho e, por isso, terá maior destaque. Em linhas gerais, a *Edda Antiga* vem a ser uma compilação de poemas cuja real autoria é desconhecida. Por ser uma compilação, a *Edda em Verso* também apresenta textos cujo conteúdo é variado: abordando temas que dizem respeito à mitologia nórdica, foram compilados poemas tanto sobre deuses quanto sobre heróis.

Como resumo acerca da distinção entre a *Edda Antiga* e a *Edda Recente*, pode-se citar as palavras do tradutor R.A. Semêdo:

Não se sabe ao certo o que “Edda” significa, mas uma hipótese cabível é de que se possa tomá-lo por “poética”, no sentido de “arte poética”, “o fazer da poesia”. Os títulos, assim, seriam representativos do conteúdo de cada obra: a *Edda em verso*, também conhecida como *Edda Antiga* ou *Edda Maior*, é uma compilação de antigos poemas sobre o cosmo, os deuses e os heróis míticos da Escandinávia viking e medieval, compostos, aproximadamente, ao longo dos séculos VIII-XIII d.C. Já a *Edda em Prosa*, também chamada de *Edda Recente*, *Edda Menor* ou *Edda de Snorri*, por conta de seu autor, Snorri Sturluson, do século XIII d.C., consiste de narrativas míticas em formato de prosa, além de estudos sobre as técnicas utilizadas na composição da poesia nórdica. Ambas, portanto, se complementam: uma reúne antigos poemas de um passado mítico, enquanto a outra narra mitos em formato de prosa, além de versar sobre técnicas de composição da poesia escandinava antiga. (Semêdo, no prelo, p.5)

Sabe-se que foi a partir de um manuscrito islandês conhecido como *Codex Regius* (“Livro Real”) que conseguiram ser preservados os poemas da *Edda Antiga*; esse manuscrito em si data do século XIII, mas foi somente em 1643 que um bispo islandês chamado Brynjólfur Sveinsson tomou posse da obra e tratou de atribuí-la ao renomado sacerdote e estudioso Sæmundr Sigfússon. Por esse motivo, ainda é possível encontrar estudos que se refiram à *Edda em Verso* como *Edda de Sæmundr*, embora acadêmicos modernos prefiram rejeitar essa denominação da obra. O *Codex Regius* recebeu esse nome mais tardiamente devido ao fato de que foi enviado de presente ao Rei Christian IV da Dinamarca pelo bispo Brynjólfur Sveinsson. Por isso, esse manuscrito medieval permaneceu na Dinamarca durante boa parte dos séculos até ser devolvido às autoridades islandesas em meados de 1971. É interessante mencionar que o *Codex Regius* está dividido em duas partes: a primeira parte aborda sagas sobre deuses; a segunda, sagas sobre heróis da mitologia nórdica.

Dadas essas informações introdutórias acerca da *Edda em Verso* e seu respectivo manuscrito medieval, faz-se necessário abordar mais especificamente o conteúdo que integra essa obra seminal para os estudos da mitologia nórdica. O *Codex Regius* contém 31 poemas; entre eles, estão textos notáveis como os seguintes (em ordem alfabética):

- *Alvíssmál*: descreve a vitória do deus Thor sobre o anão Alvíss, que busca casar-se com a filha da divindade;
- *Grímnismál*: consiste num monólogo proferido por Grímnir, disfarce adotado pelo deus Odin;
- *Hárbarðsljóð*: narra um duelo verbal entre o deus Thor e o barqueiro Hárbarðr;

- *Hymiskviða*: os deuses decidem que Ægir deve ser o hospedeiro deles, já que Ægir possui um grande número utensílios para a fabricação de cerveja; Ægir determina que os deuses tragam um utensílio grande o suficiente para que ele consiga fazer cerveja para todos de uma vez, e a partir disso desencadeiam-se conflitos secundários;
- *Lokasenna*: descreve uma troca de insultos entre o deus Loki e o restante dos deuses da mitologia nórdica;
- *Skírnismál*: o deus Freyr solicita o auxílio de Skírnir para cortejar a donzela Gerðr em nome da divindade, sendo narrada a jornada de Skírnir até Jötunheimr para tentar convencer Gerðr a juntar-se a Freyr;
- *Vafþrúðnismál*: consiste em um diálogo em verso conduzido entre os deuses Odin e Frigg; posteriormente, é incorporada a presença do *jötunn* Vafþrúðnir, nome que dá título ao poema;
- *Völundarkviða*: relata a história de Völundr, artesão capturado pelo rei Níðuðr; é descrita a fuga e vingança contra o rei por parte do artesão;
- *Þrymskviða*: o conflito se desencadeia a partir do momento em que o deus Thor desperta e nota que perdeu seu martelo, Mjöllnir; a partir disso, ele pede à deusa Freyja para pegar emprestado o manto de penas dela para tentar encontrar seu martelo.

Henry Adams Bellows sintetiza de modo bastante eficiente o conteúdo de alguns desses poemas citados ao introduzir sua tradução da *Edda em Verso*:

Os poemas mitológicos incluem, no *Voluspo*, uma das mais vastas concepções da criação e da derradeira destruição do mundo a já serem cristalizadas em forma literária; em partes do *Hovamol*, uma coleção de conselhos sábios que pode ser comparado ao Livro dos Provérbios bíblico; no *Lokasenna*, uma comédia no entanto repleta de caracterizações vívidas porque seu humor é muitas vezes amplo; na *Þrymskviða*, uma das baladas mais belas do mundo. Os poemas heroicos nos oferecem, em sua forma existente mais antiga e vívida, a história de Sigurth, Brynhild e Atli, o paralelo nórdico à *Canção dos Nibelungos* alemã. (Bellows, 1923, p.XII)<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Trecho original: “The mythological poems include, in the *Voluspo*, one of the vastest conceptions of the creation and ultimate destruction of the world ever crystallized in literary form; in parts of the *Hovamol*, a collection of wise counsels that can bear comparison with most of the Biblical Book of Proverbs; in the *Lokasenna*, a comedy none the less full of vivid characterization because its humor is often broad; and in the *Þrymskviða*, one of the finest ballads in the world. The hero poems give us, in its oldest and most vivid extant

É evidente a presença de motivos divinos e sobrenaturais nas narrativas, fato que torna a *Edda em Verso* uma fonte importante para se tomar conhecimento acerca do vasto universo que consiste na mitologia nórdica. Além desses textos mencionados junto de suas respectivas sùmulas, existe um citado por Bellows que se destaca no contexto do presente trabalho e será abordado com maior detalhamento: ele chama-se *Voluspo* ou *Vøluspá*. Esse poema da *Edda Antiga* terá a próxima seção dedicada exclusivamente à descrição de sua estrutura e significância, assim como de seu respectivo conteúdo.

A título de esclarecimento, faz-se importante salientar que esse texto compilado entre os muitos outros da *Edda em Verso* será o foco principal do atual trabalho, ao ponto de, ao ser mencionada a *Edda em Verso*, poder-se assumir que é especificamente do *Vøluspá* que se está tratando. Essa escolha foi feita a título de tornar mais conciso o estudo comparativo que está prestes a ser desenvolvido, uma vez que a *Edda Antiga* como um todo possui diversos textos de conteúdo variado, e comparar cada um deles à *Teogonia* seria inviável.

### 3 VQLUSPÁ

Entre o significativo número de poemas que foram compilados na *Edda Antiga*, destaca-se um chamado *Vqluspá*. Também conhecido como “Profecia da Vidente”, estima-se que esse poema tenha sido criado por volta do ano 1000. Em termos de conteúdo, o *Vqluspá* consiste em um monólogo proferido por uma *Vqlva*, ou vidente; ela é conjurada dos mortos por Odin, o deus supremo da mitologia nórdica. Odin ordena que a vidente conte fatos do passado e acontecimentos que resultarão na morte e renascimento dos homens, deuses, anões e gigantes.

Segundo o tradutor Pablo Gomes de Miranda, os 63 versos que consistem no *Vqluspá* basicamente descrevem os seguintes acontecimentos:

[...] nos dois primeiros versos, a Vidente criada pelos gigantes apresenta-se; dos versos três ao vinte o processo cosmogônico é explicado: o mundo criado no verso três, o tempo nos versos cinco e seis, e o tempo de abundância finalizado por três gigantes, no verso oito; dos versos vinte e um ao cinquenta, lê-se o encaminhamento para a escatologia cósmica, e dos versos cinquenta e um ao sessenta e três, a batalha entre as forças ordeiras e caóticas, além dos acontecimentos que virão após o fim de tudo. (Miranda, 2018, p.4)

Conforme o exposto pelo tradutor, pode-se dizer que o *Vqluspá* possui um caráter cosmogônico: ao longo do poema, é explicada a criação do mundo pela Vidente. O fato de que ele apresenta a versão nórdica do motivo mitológico frequente que é a criação do mundo tornou o *Vqluspá* um dos poemas mais dignos de nota da *Edda Antiga*, e provavelmente o mais importante e discutido de todos eles. Por isso, é necessária uma devida contextualização histórica acerca desse poema.

O *Vqluspá* está contido no *Codex Regius* e também em outro manuscrito islandês do século XIV denominado *Hauksbók*, atribuído ao compilador Haukr Erlendsson. Houve várias reordenações e alterações dos versos do poema por parte dos muitos tradutores e editores que tiveram acesso ao *Vqluspá* ao longo da história; mesmo assim, a versão do *Codex Regius* permanece como a mais autêntica e é frequentemente tomada como base para edições.

Sobre as diferenças entre a versão do *Vqluspá* presente no *Codex Regius* e a versão presente no *Hauksbók*, é relevante o afirmado pelo tradutor Edward Pettit em sua introdução:

O manuscrito do século XIV Hauksbók (H) [...] contém [...] uma versão do Voluspá ‘A Profecia da Vidente’ (Vsp.) que difere substancialmente daquela do Codex Regius (R). A relação entre essas versões [...] não foi precisamente determinada, mas suas diferenças provavelmente resultam de uma combinação da difusão oral (que pode ter envolvido alguma recomposição), interpolação, erro de escriba e outros danos de transmissão. Eles são extensivos o suficiente para justificar

apresentação do texto do H separadamente do texto do R. Eles incitam reflexão das incertezas em torno da composição, transmissão e preservação dos poemas éddicos no geral, do papel dos poetas, escribas e sua chance como criadores de mitos, e da variação das ideias mitológicas nórdicas de pessoa para pessoa e lugar para lugar, tanto sincronicamente quanto diacronicamente.

O texto do H é distinguido do texto do R de forma mais impressionante pela omissão de qualquer descrição explícita do assassinato do deus Baldr e pelas aparentes disjunções narrativas que tornam o poema mais difícil de ser acompanhado. Se o texto do H é menos compreensível e como um todo menos satisfatório que o do R, ele por outro lado inclui passagens de grande interesse que estão ausentes no R. (Pettit, 2023, p.747)<sup>5</sup>

Pettit é eficaz em expressar as particularidades que caracterizam cada uma das diferentes versões do *Völuspá*. Ele também indica que a edição do texto é decisiva ao estudar-se esse poema tão peculiar; afinal, conforme a versão, há uma mudança um tanto radical em certos trechos que pode ser crucial para que o conteúdo como um todo seja interpretado de formas diferentes. Sobre isso, Henry Adams Bellows também afirmou:

O quanto o poema foi alterado ao longo dos duzentos anos entre sua composição e seu primeiro envio para a escrita é em grande parte uma questão de suposição, mas levando em conta uma interpolação tão óbvia quanto o catálogo de anões e erros menores ocasionais, parece desnecessário assumir mudanças tão significativas como fazem grande parte dos editores. (Bellows, 1923, p.2)<sup>6</sup>

Quanto a detalhes mais específicos acerca do teor do conteúdo, de acordo com o tradutor R.A. Semêdo, o *Völuspá*

é um poema de difícil leitura por conta de muitas alusões e lacunas – seu estilo pressupõe que a plateia conheça os assuntos de que trata. Em muitos casos, estudiosos conseguem recuperar o contexto por trás dos versos ou termos; em

---

<sup>5</sup>Trecho original: “The fourteenth-century manuscript Hauksbók (H) [...] contains [...] a version of *Völuspá* ‘The Prophecy of the Seeress’ (Vsp.) which differs substantially from that of the Codex Regius (R). The relationship between these versions [...] has not been precisely determined, but their differences probably result from a combination of oral diffusion (which may have involved some recomposition), interpolation, scribal error and other transmissional damage. They are extensive enough to warrant presentation of H’s text separately from R’s. They prompt reflection on the uncertainties surrounding the composition, transmission and preservation of Eddic poems in general, of the roles of poets, scribes and chance as creators of myths, and of the variation of Norse mythological ideas from person to person and place to place, both synchronically and diachronically. H’s text is distinguished from R’s most strikingly by the omission of any explicit description of the killing of the god Baldr and by apparent narrative disjunctions that make the poem harder to follow. If H’s text is less comprehensible and on the whole less satisfying than R’s, it does, however, include passages of great interest that are absent from R.” Tradução livre do inglês feita pela autora do trabalho.

<sup>6</sup>Trecho original: “How much the poem was altered during the two hundred years between its composition and its first being committed to writing is largely a matter of guesswork, but, allowing for such an obvious interpolation as the catalogue of dwarfs, and for occasional lesser errors, it seems quite needless to assume such great changes as many editors do.” Tradução livre do inglês feita pela autora do trabalho.

outros, há debates de algumas possibilidades, assim como passagens completamente obscuras. (Semêdo, p.28)

Essas informações dadas por Semêdo podem ser complementadas pelas impressões de Bellows acerca do *Völuspá*:

O poema certamente foi composto para contar uma história com a qual seus primeiros ouvintes eram bastante familiarizados; a falta de continuidade que confunde os leitores modernos provavelmente não os incomodou nem um pouco. É, na verdade, uma série de imagens gigantescas, expressas em palavras com uma franqueza e segurança que revelam o gênio do poeta. Somente após o leitor, com a ajuda de muitas notas, familiarizar a si mesmo com os nomes e incidentes envolvidos que poderá começar a compreender o efeito que este magnífico poema deve ter produzido sobre aqueles que não apenas o compreenderam, mas nele creram. (Bellows, 1923, p.2)<sup>7</sup>

Por fim, mas não menos importante, há a questão linguística. É essencial salientar que o idioma em que o *Völuspá* foi escrito é conhecido como *nórdico antigo*. Há evidências de que a denominação *nórdico antigo*, porém, fosse nada mais do que

um termo guarda-chuva que abriga, na verdade, um grupo linguístico, e não uma língua específica em si. Esse grupo seria, de uma forma mais liberal, todo o ramo setentrional das línguas germânicas indo-europeias, dos séculos VIII a XIII d.C., dentre as quais se destacam o islandês, norueguês, dinamarquês e sueco antigos, os ancestrais de suas variantes modernas. (Semêdo, no prelo, p.10)

Todos os fatores explicitados tornam o *Völuspá* um poema bastante peculiar e dotado de particularidades dignas de nota. Desde a questão das diferenças entre suas edições até o fato de que descreve o início e o fim do mundo com base nas crenças nórdicas antigas, há muitos aspectos do *Völuspá* que o tornam um texto que merece ser explorado e devidamente dissecado. Feita a apresentação dos fatos mais relevantes acerca dele e de seu respectivo conteúdo, será usado o *Völuspá* como base para que sejam estabelecidos analogias e contrastes entre a *Edda em Verso* e a *Teogonia* nas próximas seções que integrarão o presente trabalho.

---

<sup>7</sup> Trecho original: “The poem was certainly composed to tell a story with which its early hearers were quite familiar; the lack of continuity which baffles modern readers presumably did not trouble them in the least. It is, in effect, a series of gigantic pictures, put into words with a directness and sureness which bespeak the poet of genius. It is only after the reader, with the help of the many notes, has familiarized himself with the names and incidents involved that he can begin to understand the effect which this magnificent poem must have produced on those who not only understood but believed it.” Tradução livre do inglês feita pela autora do trabalho.



#### 4 PONTOS COMPARATIVOS ENTRE AS OBRAS

A presente seção terá como base mais importante e crucial um livro denominado *Literatura Comparada* (2006), escrito pela autora Tania Franco Carvalhal. Nessa obra, Carvalhal trata de estabelecer os princípios mais fundamentais do campo de estudos conhecido como Literatura Comparada. Aspectos como o desenvolvimento e as principais diretrizes teóricas dessa disciplina são abordados pela autora.

Nesse sentido, Carvalhal levanta pontos bastante dignos de nota, como por exemplo o de que

a comparação não é um método específico, mas um procedimento mental que favorece a generalização ou a diferenciação. É um ato lógico-formal do pensar diferencial (processualmente indutivo) paralelo a uma atitude totalizadora (dedutiva). (Carvalhal, 2006, p.6)

Essa definição é importante para a seção atual do presente trabalho; pode-se dizer a partir dela que a comparação é um método essencial no estabelecimento de generalizações e diferenciações entre os objetos colocados em contraste entre si. Além disso, Carvalhal também trata de explicitar que, no contexto dos estudos comparados, a comparação é um meio e não um fim (Carvalhal, 2006, p.7); ou seja, a partir dessa afirmação é possível inferir que, no contexto da Literatura Comparada, comparar é somente um dos métodos utilizados para estudar-se mais profundamente duas obras. A análise das obras não se restringe à comparação entre elas; em vez disso, a comparação dá margem para que sejam estabelecidas considerações mais complexas acerca das obras escolhidas para serem contrastadas em determinado contexto.

Mais adiante no livro, sobre a questão das diferenças entre obras colocadas em comparação, Carvalhal também discorre brevemente sobre os termos “diferença” e “dependência”:

Articulados esses dois termos e entendida a vinculação entre eles, a diferença deixa de ser compreendida apenas como um simples objeto a ser buscado em substituição a analogias. [...]

Por isso, comparar é contrastar. Ou é *também* contrastar. (Carvalhal, 2006, p.77)

Essa é outra noção bastante digna de menção no contexto do presente trabalho, pois ela estabelece que a comparação envolve necessariamente o contraste: não só a partir de analogias é sustentada a comparação entre dois objetos, mas também a partir da determinação das diferenças entre eles. Portanto, no processo do estabelecimento de pontos comparativos, deve haver espaço para a determinação das diferenças entre dois objetos; isso é uma parte essencial da comparação como um todo, e não deve ser ignorada para que a comparação seja dada como efetiva.

Por fim, vale a pena citar o afirmado por Carvalhal na seção de considerações finais do livro. Nesse trecho, a autora trata de explicitar como a Literatura Comparada contribui com os estudos literários num geral, e mais uma vez afirma que ela não se resume ao mero estabelecimento de semelhanças ou diferenças entre obras; em vez disso, a Literatura Comparada pretende estabelecer ligações ainda mais complexas ao levar em consideração o contexto histórico e social do qual as obras fazem parte.

a investigação das hipóteses intertextuais, o exame dos modos de absorção ou transformação (como um texto ou um sistema incorpora elementos alheios ou os rejeita), permite que se observem os processos de assimilação criativa dos elementos, favorecendo não só o conhecimento da peculiaridade de cada texto, mas também o entendimento dos processos de produção literária. Entendido assim, *o estudo comparado de literatura deixa de resumir-se em paralelismos binários movidos somente por “um ar de parecença” entre os elementos, mas compara com a finalidade de interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas.* Daí a necessidade de articular a investigação comparativista com o social, o político, o cultural, em suma, com a História num sentido abrangente.

Em síntese, o comparativismo deixa de ser visto apenas como o confronto entre obras ou autores. Também não se restringe à perseguição de uma imagem, de um tema, de um verso, de um fragmento, ou à análise da imagem/miragem que uma literatura faz de outras. Paralelamente a estudos como esses, que chegam a bom término com o reforço teórico-crítico indispensável, a literatura comparada ambiciona um alcance ainda maior, que é o de contribuir para a elucidação de questões literárias que exijam perspectivas amplas. Assim, a investigação de um mesmo problema em diferentes contextos literários permite que se ampliem os horizontes do conhecimento estético ao mesmo tempo que, pela análise contrastiva, favorece a visão crítica das literaturas nacionais. (Carvalhal, 2006, p.85-86; grifo da autora)

O trecho grifado é especialmente importante por enfatizar a natureza investigativa da Literatura Comparada: ela não está restrita a meramente elencar semelhanças e diferenças, mas sim a estudar o contexto que resulta nessas questões. A partir disso, pode-se inferir que uma comparação entre obras literárias é um processo complexo e repleto de nuances que podem ser responsáveis pela elucidação de aspectos cruciais no entendimento não só das obras estudadas, mas da literatura de determinadas nações ou culturas como um todo.

Esses argumentos levantados por Carvalho em *Literatura Comparada* são essenciais para que seja entendida a comparação entre duas obras tão distintas quanto a *Teogonia* de Hesíodo e a *Edda em Verso*. A principal razão que leva à busca por paralelos entre esses dois registros literários é uma tentativa de entendimento de quais aspectos de uma obra da literatura escandinava podem ter tido relações com aspectos de uma obra pertencente à tradição literária da Grécia Antiga.

Já foi ressaltado que a *Edda em Verso* e a *Teogonia* são registros provindos de culturas bastante diferentes entre si, e isso corretamente leva à suposição de que existem oposições inegáveis entre os escritos analisados. Porém, conforme afirmado por Carvalho no segundo trecho citado na atual seção, uma comparação entre duas obras literárias não se baseia somente em elencar as semelhanças existentes: a comparação também consiste em identificar contrastes. Afinal, se as semelhanças auxiliam na compreensão de duas obras distintas, então por que os contrastes também não haveriam de ser úteis de algum modo para que se possam descobrir possíveis ligações entre escritos pertencentes a determinados contextos históricos?

É com base nessas assunções que se pretende dar início à seção do presente trabalho que buscará fazer um levantamento de pontos da *Teogonia* e da *Edda em Verso* que podem ser relacionados entre si. Novamente, ressalta-se que a relação estabelecida entre os pontos não necessariamente será baseada em analogias; assim como foi feito na seção do trabalho abordando os conceitos de mito e saga, a principal finalidade entre o estabelecimento dessas relações será uma espécie de investigação acerca de aspectos específicos que norteiam a tradição literária escandinava e grega.

Pensando nas questões mencionadas, haverá uma espécie de subdivisão da presente seção: conteúdo e questões cosmogônicas. A partir da leitura e análise da *Teogonia* e da *Edda em Verso*, foi julgado que esses dois aspectos seriam os mais efetivos de serem abordados no estabelecimento de possíveis pontos comparativos entre as obras; poderiam ser citados outros aspectos secundários nesse contexto, não menos importantes — como estrutura e métrica, questões linguísticas, ou até mesmo especificidades mais próprias à mitologia comparada. No momento, porém, a análise será restrita aos dois aspectos citados em honra à concisão.

Faz-se necessária também uma justificativa mais detalhada acerca do motivo por trás da escolha deles para integrarem o presente estudo comparativo. O conteúdo num geral foi escolhido devido ao fato de tanto o poema da *Edda em Verso* quanto a *Teogonia* possuem

uma espécie de caráter compilador de eventos mitológicos variados, o que torna a análise mais detalhada do conteúdo das obras ainda mais interessante nesse contexto. Em relação às questões cosmogônicas, foi inevitável abordá-las, dado que tanto a Teogonia quanto o importante poema édico *Völuspá* em certos pontos de suas narrativas abordam a origem do mundo.

Espera-se que esses aspectos integrantes da presente seção e seu respectivo conteúdo, assim como os breves questionamentos estabelecidos com base nas afirmações de Tania Franco Carvalhal (2006) e as reflexões anteriores sejam úteis para um melhor entendimento dos aspectos que têm potencial de ligar a *Teogonia* à *Edda em Verso*. É importante salientar que o conteúdo e as questões cosmogônicas não são aspectos necessariamente independentes: ao longo da discussão, é possível que eles sejam interligados de modo mais íntimo e não sejam tão radicalmente diferenciados um do outro, uma vez que ambos dizem respeito ao teor das obras como um todo.

#### 4.1 Conteúdo

Como modo de dar início às discussões que integrarão a presente seção, é relevante citar o afirmado por Ursula Dronke no texto *Classical Influence on Early Norse Literature*, sua contribuição ao livro *Classical Influences on European Culture A.D. 500 – 1500*:

Para muitos poemas nórdicos e para muitos aspectos da mitologia nórdica foram reivindicadas origens ou influências clássicas. No contexto geral de um estudo da influência clássica, todas essas alegações poderiam ser reexaminadas com grande proveito, mas posso deter-me apenas numa: a influência dos Oráculos Sibilinos no maior dos poemas mitológicos nórdicos, *Völuspá*, “A Profecia da Sibila”. Aqui, uma vidente espantosa, criada por gigantes, convocada de outro mundo por ordens de Odin, declara perante a audiência da humanidade as origens e o destino do mundo, a invasão do mal, o massacre dos maiores deuses por monstros, a destruição do mundo pelo dilúvio e pelo fogo, e sua ressurreição purificada e renovada, erguendo-se do mar. Tal como nos oráculos sibilinos gregos [...], também existe aqui a conjunção do passado e do futuro – como se fosse a apreensão do passado e das suas verdades que conferisse à sibila o poder confiante de perspectivar o futuro. Todos os fatos narrativos do poema nórdico são retirados da mitologia pagã nativa — não são emprestados. Mas o que é que galvanizou esses fatos numa estrutura sibilina? Em nenhum outro poema nórdico o destino do mundo e dos deuses é apresentado como uma questão de preocupação urgente, ou ligado à degeneração moral dos deuses e dos homens. Será que esse poema nórdico em particular se inspira exclusivamente nos oráculos sibilinos do mundo helenístico-cristão, ou será que um modo de

composição sibilina, antigamente comum ao paganismo greco-romano e germânico, foi fortuitamente preservado apenas nesse poema? (Dronke, 1971, p.143)<sup>8</sup>

As afirmações de Dronke revelam-se bastante interessantes e repletas de informações valiosas no atual contexto. Afinal, Dronke estabelece uma assunção de que pode haver uma espécie de influência grega no *Völuspá*, denunciada pela presença até então inédita nas sagas nórdicas de uma vidente se manifestando a partir de profecias. Sendo esse motivo sibilino, nas palavras de Dronke, incomum para os padrões da tradição literária escandinava, não se pode deixar de mencionar um aspecto tão significativo. Ao longo de seu artigo, a autora também estabelece outras afirmações importantes: por exemplo, ela chega a afirmar que há estudiosos convictos de que as sagas nórdicas antigas apenas receberam forma artística após as influências da literatura clássica entre os escandinavos (Baetke, 1956, *apud* Dronke, 1971, p.148).

Esse trecho citado e suas respectivas implicações têm relevância para o presente trabalho, pois indicam que podem existir ligações entre a literatura escandinava e a literatura grega antiga. Embora essas ligações sejam sutis e seja difícil determinar sua natureza ou origem exata, elas estabelecem ao menos uma base para que um estudo comparativo entre uma obra grega e uma obra nórdica sejam feitos. Se já é possível considerar que o *Völuspá* tem como aspecto central um motivo sibilino, quais seriam as outras similaridades que esse poema tão peculiar da *Edda em Verso* pode ter com a tradição literária grega?

Primeiramente, para que se dê início ao estabelecimento de considerações acerca dessa questão, é necessária uma retomada geral do conteúdo do *Völuspá* e da *Teogonia* em si. Conforme já foi exposto nas seções anteriores do presente trabalho, o poema da *Edda em*

---

<sup>8</sup> Trecho original: “For many Norse poems and for many aspects of Norse mythology classical origins or influence have been claimed. In the general context of a study of classical influence all these claims could be re-examined with great profit, but I can pause only on one: the influence of the Sibylline Oracles upon the greatest of the Norse mythological poems, *Völuspá*, ‘The Prophecy of the Sibyl’. Here an awesome seeress, fostered by giants, summoned from the other world by the command of Ódinn, declares before the audience of mankind the origins and fate of the world, the encroachment of evil, the slaughter of the greatest gods by monsters, the destruction of the world by flood and fire, and its resurrection, cleansed and renewed, rising from the sea. As in the Greek Sibylline Oracles [...], there is here too the conjunction of past and future – as if it were the grasp of the past and its truths that gave the sibyl confident power of insight into the future. All the narrative facts in the Norse poem are drawn from the native pagan mythology – these are not borrowed. But what has galvanised these facts into a sibylline structure? In no other Norse poem is the fate of the world and of the gods presented as a matter of urgent concern, or linked with the moral degeneration of gods and men. Is this particular Norse poem uniquely inspired by the Sibylline Oracles of the Hellenistic-Christian world, or has a mode of sibylline composition, anciently common to Greco-Roman and Germanic paganism, been fortuitously preserved only in this one poem?”. Tradução livre do inglês feita pela autora do trabalho.

*Verso* consiste em uma vidente convocada pelo deus Odin fazendo revelações acerca do passado e do futuro da humanidade e dos deuses; o início e o fim do mundo são narrados pela vidente, assim como o renascimento de todas as criaturas após seu respectivo fim. Quanto à *Teogonia*, trata-se de um narrador entoando um hino de invocação às Musas, narrando a origem do universo e buscando exaltar a divindade suprema Zeus a partir da exposição do modo como esse deus grego tomou poder sobre os mortais e os imortais.

A partir dessa sùmula bastante concisa do conteúdo de ambas as obras, espera-se que já tenha sido possível identificar alguns itens chave que tanto o *Vøluspá* quanto a *Teogonia* têm em comum. Ei-los:

1. a exposição do modo como o universo se originou;
2. a narração centrada em acontecimentos de um passado remoto;
3. motivos divinos e sobrenaturais;
4. um narrador de caráter onisciente.

Cada um desses aspectos por si só renderia discussões interessantes, mas vale ressaltar novamente que se tem como prioridade a concisão no contexto do presente trabalho. Entre todos esses aspectos em comum que integram o conteúdo do *Vøluspá* e da *Teogonia*, o quarto listado é certamente o mais intrigante. Afinal, tem-se em ambos os poemas diferentes maneiras de empregar o uso de um narrador que possui como característica um conhecimento profundo acerca dos eventos mais decisivos para a constituição do universo e das divindades e seres sobrenaturais que o regem. Essa constatação leva à necessidade de uma breve análise contrastiva dos aspectos narratológicos tanto da obra grega quanto da obra escandinava.

O já citado livro *The Narrative Voice in the Theogony of Hesiod*, da autora Kathryn Stoddard, aborda diversos fatores decisivos acerca do papel do narrador no contexto da *Teogonia*. É indispensável notar o seguinte:

O próêmio contém uma passagem de rara focalização incorporada explícita (a passagem de frase indireta em que as ordens das Musas são confiadas ao poeta 30-34) do texto da personagem (o discurso das Musas a Hesíodo 26-28), e um exemplo notável de autoconsciência narrativa na autorrepresentação do poeta como a personagem Hesíodo, que adentra brevemente a história e depois desaparece abruptamente (22-34). Essa inserção do narrador na história tem o efeito não só de chamar a atenção para o processo de narração — o que é significativo, tendo em conta o fato de uma das principais funções do Próêmio ser comentar e a forma como Hesíodo veio a ser incumbido dele — mas também de *colocar o reino “atemporal”*

*das Musas no quadro temporal da realidade mortal.* (Stoddard, 2004, p.60; grifo da autora.)<sup>9</sup>

Primeiramente, é importante contextualizar o trecho citado: no ponto em que ele está inserido no livro de Stoddard, a autora busca refletir acerca da invocação às Musas por parte de Hesíodo no próêmio da *Teogonia*. Conforme as palavras da autora no grifo da citação, esse aspecto do próêmio contribui para que seja feita uma espécie de distinção acerca do caráter atemporal das entidades divinas que são as Musas em relação ao caráter temporal dos mortais. Tudo isso contribui para que seja destacado o processo narrativo na *Teogonia*, e também para que de certa forma o narrador em si tenha sua relevância afirmada.

Avançando no capítulo, Stoddard também faz outra afirmação interessante:

Hesíodo utiliza esses elementos marcantes na narração para introduzir o conceito do abismo que separa os deuses dos homens e para ligar esse conceito ao da sua própria legitimidade como poeta. Ao fazê-lo, Hesíodo dirige a atenção do ouvinte para o papel singular que ele próprio desempenha como o poeta enfaticamente mortal que foi tão favorecido pelos deuses que agora possui a capacidade de conhecer seus atos. (Stoddard, 2004, p.61)<sup>10</sup>

Esse trecho tem relevância inquestionável; a partir dele, Stoddard trata de dar uma descrição bastante acurada do narrador da *Teogonia*: um *poeta enfaticamente mortal que foi tão favorecido pelos deuses que agora possui a capacidade de conhecer seus atos*. Ou seja, o narrador da *Teogonia* tem como característica o fato de que sua mortalidade não interfere em sua onisciência acerca dos feitos divinos, uma vez que indica ser agraciado pelos próprios deuses com um conhecimento irrestrito — e está prestes a compartilhar esse conhecimento irrestrito com o restante dos mortais.

---

<sup>9</sup> Trecho original: “The Proem contains a passage of rare character-text (the Muses’ speech to Hesiod 26-28), explicit embedded focalization (the passage of indirect statement in which the Muses’ orders are relayed to the poet 30-34), and a striking example of narratorial self-consciousness in the poet’s self-representation as the character ‘Hesiod’ who enters briefly into the story and then abruptly vanishes (22-34). This insertion of the narrator into the story has the effect not only of drawing attention to the narrating process—significant in light of the fact that one of the main functions of the Proem is to comment on that process and how Hesiod came to be entrusted with it—but also to place the ‘timeless’ realm of the Muses within the temporal framework of mortal reality”. Tradução livre do inglês feita pela autora do trabalho.

<sup>10</sup> Trecho original: “Hesiod uses these striking elements of narration to introduce the concept of the gulf separating gods from men, and to link that concept with that of his own legitimacy as poet. In so doing, Hesiod directs the listener’s attention to the singular role that he himself plays as the emphatically mortal poet who has been so favored of the gods that he now possesses the ability even to know of their doings”. Tradução livre do inglês feita pela autora do trabalho.

Mas e quanto à voz narrativa do *Völuspá*? Algumas particularidades são expostas por Ursula Dronke no comentário à sua própria tradução:

O poeta deu uma forma dramática ao seu grande tema para a qual eu não conheço paralelo. Ele possui apenas um único orador, mas cria um mundo espiritual com o qual ele pode conversar. O orador é “eu”, o outro é sempre “ela”. *O poeta avisa-nos desde o início que mesmo o “eu” não é necessariamente um ser humano estável: ela está viva, é ostensivamente humana*, abordando uma audiência humana na estrofe 1 e, no entanto, na estrofe 2 ela lembra-se de ser uma criança adotiva primordial no mundo gigante da morte. O poeta está nos preparando para um mundo poético de imaginação exacerbada, em que *völur*, reencarnado, lembrou-se de suas antigas vidas, contemplou em transe as habitações ocultas do cosmos, falou com espíritos sob o céu noturno, tinha constantemente próximo a eles, falando, um “ela”, um segundo eu, outro ser, que comunicou suas próprias experiências. O poeta cria bem essa atmosfera assombrada e reverberante. (Dronke, 1997, p.27; grifo da autora.)<sup>11</sup>

Outra consideração importante que a autora faz é a seguinte:

A abertura confiante, a dicção comum [...] e o fraseado pouco expressivo do que lhe é pedido [...] conferem à oradora um momentâneo ar de normalidade. [...] Ao reunir suas memórias, ela revela a sua autoridade: conhecimento do passado aprendido aos joelhos dos primeiros habitantes do cosmos, e conhecimento do futuro aprendido com os mortos prescientes. [...] *Embora as memórias que ela revela sejam espantosas, não há qualquer sugestão de que ela seja não humana*. Ela foi criada por gigantes, mas nunca é dito que ela própria é um gigante. Lembra-se dos nove reinos da morte sob a terra, mas não nos é dito que tenha sido despertada do túmulo [...]. Pelo contrário, o poeta deixa a sua natureza não identificada e sem imagem física. A sua vasta memória investe-a de um domínio espiritual, e a sua presença é totalmente limpa do grotesco. Ela — e através dela o poema — é calma, controlada, precisa, até que o horror crescente dos acontecimentos perturba até a sua compostura. (Dronke, 1997, p.31; grifo da autora.)<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Trecho original: “The poet has given a dramatic form to his great theme for which I know no parallel. He has only a single speaker, but he creates a spirit world for her to converse with. The speaker is ‘I’, the other is always ‘she’. The poet warns us from the outset that even the ‘I’ is not necessarily a stable human being: she is alive, ostensibly human, addressing a human audience in stanza 1, and yet in stanza 2 she remembers being a primordial fosterling in the giant world of death. The poet is preparing us for a poetic world of heightened imagination, in which *völur*, reincarnated, remembered their former lives, gazed in trance at the hidden habitations of the cosmos, spoke with spirits under the night sky, had constantly close to them, talking, a ‘she’, a second self, another being, who communicated her own experiences. The poet creates this haunted, reverberating atmosphere well”. Tradução livre do inglês feita pela autora do trabalho.

<sup>12</sup> Trecho original: “The confident opening, the casual diction [...] and the unportentuous phrasing of what is required of her [...] give to the speaker a momentary air of normality.

[...] As she assembles her memories, she reveals her authority: knowledge of the past learned at the knees of the first inhabitants of the cosmos, and knowledge of the future learned from the prescient dead. [...]

Though the memories she reveals are awesome, there is no suggestion that she is inhuman. She was fostered by giants, but it is never said that she herself is a giant. She remembers the nine realms of death beneath the earth, but we are not told that she had been roused from the grave [...]. On the contrary the poet leaves her nature unidentified and without physical image. Her vast memory invests her with a spiritual dominion, and her presence is wholly purged of the grotesque. She – and through her the poem – is calm, controlled, precise, until the growing horror of events disturbs even her composure”. Tradução livre do inglês feita pela autora do trabalho.



Nos comentários de Dronke, e especialmente nos breves trechos grifados, há uma explicitação de que a voz narrativa do *Völuspá* pertence a um ser que, embora provido de amplo e valioso conhecimento acerca de feitos sobrenaturais, não deixa de ser humano por isso; ou seja, tem-se no poema um narrador que se distingue do resto dos mortais por seu conhecimento em vez de se distinguir por ser uma entidade mística ou de caráter divino.

A partir dessas informações, torna-se fácil constatar uma semelhança entre a voz narrativa do poema édico e a voz narrativa da *Teogonia*: ambas pertencem a seres humanos que conseguiram obter uma proximidade tão intensa com os deuses e eventos místicos relacionados a eles a ponto de adquirirem autoridade para discorrer sobre sua origem e seus feitos. É no mínimo interessante que dois poemas separados por uma diferença cultural, linguística e temporal de tamanha magnitude possam conter uma particularidade em comum tão ostensiva e memorável quanto a semelhança entre o próprio caráter de seus narradores.

É importante salientar que essa semelhança bastante digna de nota pode ser constatada a partir de uma análise dos versos iniciais do *Völuspá* e da *Teogonia*. Mas isso requer também uma análise mais profunda da abertura de ambos os poemas. Quais outros pontos de contraste e semelhança podem ser estabelecidos entre eles a partir dos versos que são encarregados de proporcionar uma introdução aos poemas e suas respectivas temáticas? Para que essa questão seja explorada, faz-se necessário citar o próêmio da *Teogonia* (Palavro, 2019) e os versos que dão início ao *Völuspá* (Semêdo [no prelo]):

Das Musas Helikoníades principiemos o canto!  
 Elas possuem o Hélikon, monte grandioso e divino,  
 e pelas voltas da fonte violácea com seus pés macios  
 dançam, e em torno do altar que é do altipossante Kroníon.  
 Tendo banhado seus corpos da pele mais tenra ao Permesse,  
 ou lá na fonte Hippokrene ou lá pelo Olmeio divino,  
 fazem na alta cimeira do Hélikon danças em coro,  
 belas, incitam desejo, fluentes com pés irrompendo!  
 Logo daí despenhando, ocultas em muita neblina,  
 vão noite adentro alinhadas, lindíssimo som espalhando:  
 louvam o egífero Zeus com seus hinos, e Hera senhora  
 de Argos, ela que avança com suas sandálias douradas;  
 moça do egífero Zeus, a olho-de-glauca, Athena,  
 Phebo Apollo, radiante, com Ártemis flechivertente;  
 tanto Posêidon sustento-da-terra, o deus treme-terra,  
 como Aphrodite pálpebra-lépida e Thêmis louvável;  
 Hebe coroa-dourada e ainda a linda Dione,  
 Leto e Jápeto ainda, e Krono astúcia-recurva;  
 Éos e Hélio grandioso, bem como a lampeante Selene,  
 Gaia e Oceano grandioso, assim como Nyx obscura

e dos demais imortais sempre entes a raça sagrada.  
Elas um dia a Hesíodo belíssimo canto ensinaram  
quando pasteava cordeiros nos baixos divinos do Hélikon.  
Estas palavras primeiro de tudo disseram-me as deusas,  
Musas Olympíades, moças do egífero Zeus:  
“Rústicos pastoreadores, torpezas ruins, só barrigas,  
muitas mentiras sabemos falar indistintas dos fatos;  
quando queremos, sabemos também entoar as verdades”.  
Isso disseram as moças de Zeus grandioso, eloquentes,  
dando-me um cetro, um galho de altivoçoso loureiro  
tendo-o colhido admirável, e assim me inspiraram divina  
fala, pra glorificar o que ainda será e que já foi:  
clamam que eu louve com hinos a raça feliz sempre ente  
e que elas próprias primeiro e por último eu sempre cante.  
Mas por que a mim essas coisas em torno da pedra ou carvalho?

### Quanto ao *Völuspá*:

Peço a escuta de todos,  
ó filhos sagrados,  
pequenos e grandiosos,  
herdeiros de Heimdall.

Você quer que eu, Pai-dos-Mortos,  
revele efetivamente  
as antigas histórias dos homens,  
as mais velhas de que me lembro.

Lembro-me dos gigantes,  
nascidos no início,  
os quais no passado  
haviam-me alimentado.

Lembro de nove mundos -  
os nove dentro do tronco -,  
da gloriosa Madeira-que-Mede  
ainda debaixo da terra.

Logicamente, por ser um poema mais curto do que a *Teogonia*, o *Völuspá* apresenta estrofes introdutórias consideravelmente mais concisas. Porém, deixando esse detalhe de lado e focando no conteúdo dos versos introdutórios, obtém-se a comprovação da semelhança, digna de nota, de que os dois poemas têm início com o narrador sutilmente apresentando a si mesmo, fazendo questão de explicitar que está prestes a narrar acontecimentos de magnitude memorável. Nos versos de Hesíodo, isso é feito de maneira mais elaborada: há uma invocação e exaltação às Musas que possui caráter análogo ao de um hino. Após louvar as Musas e dirigir-se a essas divindades, o narrador trata de explicitar que foi por influência e escolha delas que ele está compondo seus versos; por fim, ele trata de revelar que será encarregado de discorrer ao ouvinte acerca de fatos passados e futuros — “glorificar o que ainda será e que já foi”. Já no *Völuspá*, o narrador inicia dirigindo-se diretamente a Odin — o “Pai-dos-Mortos”

— e declarando que o deus está solicitando que sejam reveladas “as antigas histórias dos homens”.

Com base nessas considerações, é possível elencar semelhanças básicas entre o próêmio da *Teogonia* e os versos iniciais do *Völuspá*:

1. apresentação do narrador e de sua ampla gama de conhecimento acerca do passado/futuro;
2. explicitação sutil de que será discorrido sobre feitos memoráveis que já aconteceram e ainda não aconteceram;
3. referência por parte do narrador a entidades divinas.

Mesmo levando em conta essas semelhanças, porém, também é necessário salientar que há um contraste notável: o aedo hesiódico canta para uma audiência mortal; ao mesmo tempo, ele parece reproduzir um canto que é aquele que as Musas cantam para Zeus, em volta de seu trono no Olimpo. Já no *Völuspá*, o interlocutor é o próprio Odin; a própria narradora se dirige a ele (“Você quer que eu, Pai dos Mortos...”). Portanto, pode-se dizer que, enquanto na *Teogonia* o objetivo é louvar os deuses, no *Völuspá* o foco é outro: “as antigas histórias dos homens”.

#### 4.2 Questões cosmogônicas

Com essa exposição acerca dos versos iniciais de ambas as obras, é possível assumir que, apesar de serem dois poemas separados por inegáveis diferenças temporais e culturais, é bastante notável a quantia de semelhanças diretas e indiretas que podem ser notadas entre o conteúdo geral e as estrofes introdutórias tanto da *Teogonia* quanto do *Völuspá*. Porém, não está restrito a esses fatores o atual estudo comparativo: outro aspecto que não pode deixar de ser abordado, ainda que breve e superficialmente, são as questões cosmogônicas. Como a *Teogonia* e o *Völuspá* abordam a origem do universo? Quais particularidades podem ser contrastadas?

Para que essas perguntas tenham sua respectiva resposta, é necessária uma análise geral de como a origem do mundo é tratada em cada um dos poemas. Isso pode ser resumido a partir das seguintes colocações sobre o *Völuspá*:

A evolução do mundo é rapidamente retratada em enunciados distintos e habilmente integrados. Em termos realistas, os mitos que o poeta integra são inconciliáveis, mas isso passa despercebido devido à sua brevidade e habilidade na seleção e colocação dos pormenores.

Ele utiliza três mitos independentes da origem do mundo:

1. o do nascimento gigante da árvore do mundo, eixo do universo e progenitora da vida;
2. o do levantamento da primeira Terra a partir do oceano primordial (cf. 4)
3. o do cadáver gigante primordial a partir do qual a Terra e o céu foram criados (cf. 3,4)

[...]

Para dar corpo aos [...] mitos restantes da origem do mundo, o poeta combina [...] formas convencionais de retratar a condição vazia da pré-existência.

[...] ele apresenta uma única imagem de vacuidade total, o vazio interminável e imenso do vácuo primordial, o *Ginnungagap*. Esse nome tradicional é, etimologicamente falando, um nó górdio de elementos verbais antigos que significam “escancarado”, “vazio”, “vasto”, “potente”. O poeta dá uma nova vitalidade ao antigo nome, invertendo seus elementos e fazendo dele uma afirmação positiva: no momento, o vazio existia — *gap var ginnunga* — em forte contraste com os negativos que o rodeiam. (Dronke, 1997, p.32-33)<sup>13</sup>

Já sobre a *Teogonia*, pode-se dizer o seguinte:

No total, o catálogo de deuses dele [Hesíodo] contém cerca de trezentos nomes. Eles dividem-se em diversas categorias. Alguns são deuses que foram realmente adorados, que tiveram altares e sacerdotes atribuídos a eles, ou pelo menos receberam orações ou atos rituais de observância em momentos apropriados. Porém, há muitos que, tanto quanto sabemos, não possuíam qualquer culto. Alguns deles têm um papel a desempenhar no mito — como Atlas, que sustenta o céu; outros não têm, e são meros nomes para nós. Poucos deles parecem invenções para manter a genealogia unida, uma vez que seus nomes são transparentes — como Astreu, o pai das estrelas. Posteriormente, há os componentes do universo físico: o Céu, a Terra, o Oceano, as Montanhas, os Rios, o Sol e a Lua. Todos eles são tratados como deuses e colocados numa relação genealógica com os restantes. *A genealogia toma, desse modo, o lugar da cosmogonia. A única resposta de Hesíodo à questão de saber*

---

<sup>13</sup> Trecho original: “The evolution of the world is swiftly depicted in distinct, deftly integrated statements. In realistic terms the myths that the poet integrates are irreconcilable, but because of his brevity and skill in the selection and placing of detail this passes unnoticed.

He uses three independent myths of the origin of the world:

1. That of the giant birth of the world tree, axis of the universe and parent of life;
2. That of the lifting of the first earth out of the primordial ocean (cf. 4)
3. That of the primordial giant corpse from which the earth and the sky were fashioned (cf. 3,4)

[...]

To form the setting for the [...] remaining myths of the origin of the world, the poet combines [...] conventional ways of portraying the vacuous condition of pre-existence.

[...] he presents a single image of total vacuity, the endless yawning emptiness of the primordial void, the *Ginnungagap*. This traditional name is, etymologically speaking, a Gordian knot of ancient verbal elements signifying ‘gaping’, ‘vacuous’, ‘vast’, ‘potent’. The poet gives a fresh vitality to the old name by reversing its elements and making of it a positive statement: at the time the void existed – *gap var ginnunga* – in strong contrast to the negatives that surround it”. Tradução livre do inglês feita pela autora do trabalho.

como foi criado o universo é dizer que “primeiro veio o Abismo, e depois a Terra; e a Terra deu origem ao Céu, às Montanhas e ao Mar”. Finalmente, os deuses de Hesíodo incluem abstrações personificadas: a Morte, o Sono, o Engano, a Luta, a Vitória, etc. (West, 2009, p.X, grifo da autora)<sup>14</sup>

As colocações de Ursula Dronke e M. L. West são bastante elucidativas, uma vez que ambas contêm um resumo acurado dos principais aspectos que norteiam o estabelecimento de uma cosmogonia no contexto da *Teogonia* e do *Vǫluspá*. A partir das informações dadas pelos dois autores mencionados, é possível inferir um contraste gritante entre o poema escandinavo e o poema grego: enquanto o primeiro inclui a presença de três mitos breves que buscam explicar como foi criada a Terra, o segundo procura explicar o surgimento do universo a partir do estabelecimento de mais genealogias e personificações divinas de conceitos abstratos primordiais.

A significância entre esse contraste de abordagem das duas obras à questão da origem do universo reside no fato de que a voz narrativa do *Vǫluspá* e Hesíodo parecem ter adotado abordagens definitivamente distintas para estabelecer um motivo cosmogônico em seus poemas. Entre a enumeração de mitos do *Vǫluspá* e a integração de forças da natureza e do universo a uma complexa genealogia divina da *Teogonia* há um contraste inegável, uma vez que escancaram dois caminhos bastante distintos e memoráveis de retratar a origem do universo e das entidades que o regem.

Registradas essas afirmações inferidas com base nos decisivos trechos de Dronke e West, surgem novas questões notáveis acerca das diferentes abordagens cosmogônicas presentes no *Vǫluspá* e na *Teogonia*. Talvez a mais importante e digna de nota seja: o que esses diferentes modos de estabelecer uma cosmogonia revelam acerca das tradições literárias e míticas da Grécia Antiga e da Escandinávia medieval? Elucidar e dissecar tal ponto seria indubitavelmente relevante no estudo da literatura de ambas as civilizações; no entanto, não

---

<sup>14</sup> Trecho original: “Altogether his (Hesíodo) catalogue of gods contains some three hundred names. They fall into diverse categories. Some are gods who were actually worshipped, who had altars and priests assigned to them, or at least received prayers or ritual acts of observance at appropriate times. But there are many who, so far as we know, had no cult whatever. Some of them have a role to play in myth, like Atlas who holds up the sky; others do not, and are mere names to us. A few of these look like inventions to hold the genealogy together, as their names are transparent, like Astraeus the father of the stars. Then there the components of the physical universe, Heaven, Earth, Sea, the Mountains, the Rivers, the Sun and the Moon. All these are treated as gods and put in a genealogical relationship with the rest. Genealogy thus takes the place of cosmogony: Hesiod’s only answer to the question how the universe was created is to say that ‘first came the Chasm, and then Earth; and Earth gave birth to Heaven, the Mountains and Sea’. Finally, Hesiod’s gods include personified abstractions: Death, Sleep, Deceit, Strife, Victory, etc”. Tradução livre do inglês feita pela autora do trabalho.

cabe nas dimensões do atual trabalho uma questão de magnitude tão decisiva. Mesmo assim, já foi explicitado que uma das funções do presente estudo comparativo é justamente buscar levantar questionamentos dignos de nota acerca da literatura grega e escandinava sem necessariamente desvendá-los. Por isso, no atual contexto, é relevante ao menos registrar as possibilidades que as divergências cosmogônicas entre o *Völuspá* e a *Teogonia* podem gerar.

Após deixar o questionamento mais complexo do parágrafo anterior registrado e em aberto, faz-se um retorno a questões imediatas mais concisas: existem apenas diferenças entre a cosmogonia estabelecida por Hesíodo e pelo autor anônimo do *Völuspá*? É evidente que a resposta a essa pergunta é imediatamente negativa, uma vez que podem ser reparadas algumas semelhanças sutis entre os motivos míticos descritos brevemente por Dronke e West:

1. o surgimento aparentemente espontâneo do universo a partir do vazio (exemplificado pelos conceitos de “Abismo” e *Ginnungagap* registrados por Dronke e West);
2. a presença e significância de entidades físicas primordiais como o Céu e o Oceano, a partir das quais a Terra aparentemente é levantada (*Völuspá*) ou geradas com base na Terra (*Teogonia*);
3. a assunção de que na era anterior ao universo o vazio imperava e nada relevante existia.

Pode-se dizer que ambas as obras se destacam por apresentarem uma sugestão indireta de que a origem do universo seria uma espécie de ápice para que os eventos mitológicos decisivos registrados nos poemas tivessem início e se desencadeassem. No contexto do presente trabalho, essa semelhança foi considerada a mais interessante e digna de ser registrada; ela também pode desencadear mais questões acerca da tradição mítica e literária grega e escandinava.

Até o presente momento, porém, cabe à autora do trabalho meramente registrar essas impressões acerca das semelhanças mais superficiais entre a cosmogonia do *Völuspá* e da *Teogonia*. Elaboraões mais rebuscadas, mais complexamente fundamentadas e com maiores implicações acerca de ambas as obras serão assunto de possíveis trabalhos posteriores. O objetivo do atual estudo comparativo é sobretudo justamente demonstrar que comparar uma obra da Grécia Antiga com uma obra da Escandinávia medieval pode render considerações no mínimo intrigantes, e espera-se que isso possa ter sido demonstrado.

Como modo de encerrar as considerações estabelecidas a partir desse breve estudo comparativo, é crucial salientar novamente a afirmação de Tania Franco Carvalhal de que “a literatura comparada ambiciona um alcance ainda maior, que é o de contribuir para a elucidação de questões literárias que exijam perspectivas amplas” (Carvalhal, 2006, p.86). A partir das questões que foram levantadas na atual seção do trabalho, pretendeu-se evocar os preceitos que norteiam a disciplina da Literatura Comparada e com eles abrir caminho para a elucidação e complexificação de questões literárias envolvendo a Grécia Antiga e a Escandinávia medieval que até o momento foram pouco exploradas de modo tão específico.

Mais do que o mero elenco de semelhanças e diferenças superficiais entre a obra de Hesíodo e o poema integrante da *Edda em Verso*, foi ambicionado demonstrar que duas culturas e tradições literárias tão diferentes entre si podem conter ligações inegáveis. Finalmente, espera-se que a fundamentação teórica utilizada tenha contribuído para que o contraste entre as duas obras possa ter sido efetivamente estabelecido, e que a atual seção tenha contribuído para a visualização mais acurada dos possíveis pontos análogos entre os poemas abordados no presente trabalho.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme já foi explicitado ao longo da seção anterior e do trabalho num geral, a principal finalidade por trás da tentativa de estabelecimento de um estudo comparativo muito breve entre a *Teogonia* de Hesíodo e um dos poemas contidos na *Edda em Verso* é a exploração das semelhanças e das diferenças que norteiam obras seminais da literatura grega e escandinava. A partir da comparação entre esses dois textos tão particulares, buscou-se demonstrar que diversas possibilidades podem ser abertas ao leitor que se propor a dissecar tanto a *Teogonia* quanto o *Völuspá*, uma vez que ambos são textos dotados de particularidades muito expressivas.

O presente trabalho teve três objetivos principais: apresentar mais profundamente traços-chave da *Teogonia* e do *Völuspá*, promover uma reflexão acerca das particularidades que caracterizam o poema grego antigo e o poema escandinavo medieval e, principalmente, buscar relacionar entre si duas obras caracterizadas mais por diferenças do que por semelhanças. Na introdução do presente trabalho, buscou-se levantar e fundamentar os principais questionamentos que levaram à própria concepção dele. Após isso, houve a apresentação dos aspectos principais acerca das obras que foram objeto de estudo; por fim, foram inseridas reflexões acerca dos breves pontos comparativos entre as obras estudadas.

É importante salientar que foi tentado seguir todos esses passos com base nas palavras de Nicholas J. Allen de que há um certo perigo de julgamentos de similaridade entre estruturas e narrativas se tornarem tendenciosas ou circulares, além de inegavelmente ficarem a critério da subjetividade de quem as julga (Allen, 2011, p.354). Nesse contexto, não se pode deixar de explicitar a importância do livro *Literatura Comparada*, de Tania Franco Carvalhal, no estabelecimento das comparações que foram feitas entre a *Teogonia* e o *Völuspá*. Esse livro, além de apresentar as principais diretrizes teóricas e objetivos da área de estudo da Literatura Comparada como um todo, foi indispensável para que houvesse a compreensão de que comparar duas obras não é um processo que meramente envolve a catalogação de semelhanças e diferenças superficiais das obras abordadas. Em vez disso, comparar consiste em justamente contrastar aspectos chave e refletir sobre como eles contribuem para o enriquecimento das discussões acerca das obras literárias e seus respectivos contextos históricos como um todo.

Acima de todos esses aspectos citados, espera-se que tenha sido possível inferir que o principal objetivo do atual trabalho não foi necessariamente oferecer respostas definitivas, mas sim levantar mais questionamentos acerca dos contrastes entre a *Teogonia* e o *Völuspá*.



Afinal, tratando-se de duas obras repletas de nuances e inexatidões quanto a questões como sua própria autoria, assim como de uma literatura pertencente a dois períodos históricos sobre os quais ainda se tem muito a ser descoberto, seria inócuo e errôneo objetivar a entrega de informações novas totalmente exatas e certeiras.

Em suma, o mais importante propósito do atual trabalho reside no desejo por parte da autora de uma expansão das discussões acerca da possível relação entre a literatura grega antiga e a literatura escandinava medieval. Espera-se que a partir das considerações estabelecidas e dos questionamentos levantados ao longo das páginas tenha sido possibilitada uma maior compreensão acerca da tradição literária desses dois períodos históricos tão particulares, e que o trabalho seja efetivo em contribuir com a pesquisa de outros acadêmicos interessados em debruçarem-se sobre os mesmos tópicos.

É indispensável salientar outra pretensão que teve uma grande influência na gênese do presente trabalho: o interesse em contribuir com a produção no âmbito da literatura clássica e da literatura nórdica em meio ao contexto acadêmico do Brasil. As diversas traduções para o português brasileiro que existem da *Teogonia* e do *Völuspá*, algumas delas inclusive presentes nas referências do atual trabalho, atestam que existem e existiram ao longo dos anos diversos estudiosos competentes que se dedicaram a essas obras literárias; saber disso certamente inspirou a autora do trabalho a persistir em seus estudos, além do fato de que as diferentes traduções também atestam que as possibilidades de releitura das obras em questão são praticamente inesgotáveis.

Por fim, espera-se que esse trabalho tenha contribuído de alguma forma para que haja uma expansão ainda maior dos estudos das relações entre literatura grega e escandinava no Brasil – e, principalmente, que ele venha a inspirar ainda mais acadêmicos a dedicarem-se ao estudo dessas tradições literárias tão diversas e fascinantes.

## REFERÊNCIAS

- ALLEN, Nicholas J. The Indo-European Background to Greek Mythology. *In*: DOWDEN, Ken; LIVINGSTONE, Niall. A Companion to Greek Mythology. Hoboken: Blackwell Publishing, 2011. P.341-356.
- BELLOWS, Henry Adams. The poetic Edda: translated from the Icelandic and with introduction by Henry Adams Bellows. Nova York: The American-Scandinavian Foundation, 1923.
- BOLGAR, R.R. Classical Influences on European Culture A.D. 500 – 1500. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.
- CARVALHAL, Tania Franco. Literatura Comparada. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- CLAY, Jenny Strauss. Hesiod's Cosmos. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- DOWDEN, Ken; LIVINGSTONE, Niall. A Companion to Greek Mythology. Hoboken: Blackwell Publishing, 2011.
- DRONKE, Ursula. Classical Influence on Early Norse Literature. *In*: BOLGAR, R.R. Classical Influences on European Culture A.D. 500 – 1500. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. P.143-150.
- DRONKE, Ursula. The Poetic Edda Volume II: The Mythological Poems. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- HESÍODO. Teogonia; Trabalhos e Dias. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- MCTURK, Rory. A Companion to Old Norse-Icelandic Literature. Hoboken: Blackwell Publishing, 2007.
- O'DONOGHUE, Heather. Old Norse-Icelandic Literature: A Short Introduction. Hoboken: Blackwell Publishing, 2004.
- MIRANDA, Pablo Gomes de. Vǫluspá, A Profecia da Vidente: notas e tradução. Scandia: Journal of Medieval Norse Studies, João Pessoa, v.1, nº1, p.178-206, dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/scandia/article/view/41136>. Acesso em: 10 jul. de 2024.
- PALAVRO, Bruno. A Theogonia de Hesíodo: traduzida & anotada pela mão de Bruno Palavro. 2019. 133 p. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2019.
- PETTIT, Edward. The Poetic Edda: A Dual-Language Edition. 1. ed. Cambridge: Open Book Publishers, 2023.
- SEMÊDO, R.A. Edda em Verso: Poemas da Mitologia Nórdica. São Paulo: Harper Collins Brasil, no prelo.

STODDARD, Kathryn. *The Narrative Voice in the Theogony of Hesiod*. Boston: Brill Academic Pub, 2004.

WEST, M.L. *Theogony and Works and Days*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2009.